

ral mocambos, mocambos de pescadores. (Ele se lembrava da gente dos morros do Rio. Só tinha que aquela gente de sua terra era mais tragica. E não conhecia jamais nenhuma revolta contra a vida.)

Sob os coqueiros, entre as choupanas, fervilhavam crianças, galinhas, porcos, tiradores de sururú. De tiradores de sururú era quasi toda aquela população empalemada, meninos de puberdade atrasada, mulheres, velhos aposentados de outras pescarias.

— Vamos, Anjo, quero ver as coisas de minha infancia!

Então os dois iam na jangada Estrelado-Mar, fisgar cavalas longe da costa, iam atirar linha-de-mão nos charéos ou fachear siris de noite nas gambôas. Iam conversar com os pescadores longos cavacos debaixo das latadas onde se concertam as vastas rêdes e as tarrafas.

Dia e noite zune um vento triste no coqueiral. Calafates dia e noite trabalham nas

canôas. Mulheres e crianças dia e noite vão e veem na lama do sururú.

— Eu estou contente mas é com o cheiro de minha infancia!

Detrás das casas desses pescadores ha sempre cacos de panela onde plantam begonias e mangericão, giraus com flandres de alecrim e de losna. Jardim de gente pobre para os bichos não comerem.

De noite o vento é mais forte. Como um grito de feras enjauladas, chicoteadas, feito o grito da humanidade mesmo. Donde vem essa ventania? Para onde vai com esse grito? Pescadores, tiradores de sururú, são vocês que estão gemendo? Não, é mesmo o vento sul do meu coqueiral. Satanás é você. E' você quem uiva nos meus coqueiros. Satanás é você com suas almas penadas, arrastando o medo pela atmosfera. Você é fortissimo, você é durissimo, eu sinto você me dominar, Satanás. Não me deixeis, Senhor cair

em tentação. A Bem-Amada será por acaso o demonio?

Eu vi os meninos pobres que iam tirar sururú. Um bandão deles. Uns tinham doze ou treze anos e pareciam ter oito. Amarelos. Perto de Satuba tem um massapê ottimo. Eles amassam, amassam, fazem balas. Cosidas são mais gostosas que sururú. E quem não sabe comer barro não sabe tirar sururú com gosto. Comer terra! Quando a bala vermelhinha côr de telha toca a lingua, a boca se enche dagua para a bala se embeber. Os meninos amarelos tem agua na boca. Gosto de terra não é gosto de comida, de sal, de açúcar, de carne. E' gosto diferente. De terra! E' um gosto doente como gosto de maleita. Também quem não tem maleita não sabe tirar sururú com gosto. O frio da maleita não se importa com sol nem com chuva nem com o frio que está por fóra da gente, no ar. E' um frio que vem de dentro. Dá-se a mão e a mão está com 40. Mas o frio

é bom porque é diferente dos outros frios. Os meninos que vão tirar sururú têm os olhos sumidos. Mãe-maleita dá-lhes sonhos de febre. Os meninos sonham coisas doidas. Que uma inglesinha que passou uma vez numa lancha-automovel veio olhar o massapê. Eles sentem gosto da inglesinha sonhando com o gosto do massapê. Têm outros sonhos, todos gostosos. Os meninos tiram sururú com gosto. Ao meio-dia o sol tine. A agua está morna e suja. Ali pertinho já é lama de sururú. Que gosto de pisar na lama! E' diferente de pisar nas praias, na neve, na grama. Os pés dos meninos têm sensibilidades malucas. A lama abarca o pé, entra entre os dedos, mais grossa do que baba de boi, gruda-se na pele, dá uma coceira bôa nas frieiras. Os meninos entram mais. A lama sobe. E' uma caricia peganhenta pelo corpo. As mãos descem na lama. As canôas afundam de sururú. O sol está tinindo, mas ninguem sente calor. Tudo é bom. A mise-

ria é bôa. A lama é amorosa. Parece que a vida é uma feitiçaria de sonho de maleita.

Quando eu era criança essa ventania já existia. Mas não tinha decerto esses alarmes de gritos estrangulados que tem eu homem feito. O demonio, creio, é mais forte que Deus, pois o demonio domina por completo a ventania. Entretanto dependo de Deus. A minha vida não me pertence. Eu não posso me matar. Tenho que dar contas a Ele de tudo, de todos os meus atos. A Ele que eu não conheço e nada me prova que exista. Tenho que me libertar desse medo matando-me. Serei livre — independente, serei nada. (O Anjo disse: o tempo mudou, Heroi mudou, já não é o mesmo; o mal sempre é que ele vive no tempo. Senhor retirai do tempo o pobre Heroi.)

Quando chegou Maio tiravam nos mocambos benditos de Nossa Senhora. Botavam ramos pobres, de pistilos compridos nos pés da Santa. Uma noite caiu uma tempes-

tade, e além da ventania o mar oceano deu em berrar também. As mulheres cantaram "Maria, Maria Virgem Mãe, Senhora Nossa, Ancora da Fé".

Herói ouviu a tempestade tres dias seguidos. O vento destruiu mais de trinta mocambos, derrubou coqueiros, atormentou diabolicamente os miseráveis. Herói às vezes falava tão só que o Anjo ouvia ele dizer por exemplo: "Como você é duro, Deus! Ninguém não sabe porque você mata esses pobres pescadores".

Herói foi com o Anjo na beira do mar. Os arrecifes tinham lócas de ouriços, as aguas marulhando uma coisa tristissima. Saíram dali, navegaram de canôa até a Boca-da-Caixa. O mangue amontoado atolando as raizes na lama, aratús dando adeus à tristeza do sol, goiamuns azulando, uçás cabeludos que nem as vergonhas das mulheres. Um langanho passou agorinha numa morena. Ôôôôô. Senhor, tende piedade, miserere! Cordeiro

de Deus que tirais os pecados do mundo, miserere! Vento, parai! Céus calai vossos ruidos, vossas lamurias abafai essas terras alagadas! Sois quem, ventania?

Pelancas de maleita avôam na lagôa como os espiritos da criação começando. Na outra banda do canal, em riba de Coqueiro-Seco, a tarde parou grelando a preamar, socós-bingas principiam gemendo na gambôa de cima, e no ar pasmado um martim-pescador peneirou. Ôôôôôô. A morena vai morrer. Três irmãos dela já morreram tambem de maleita, de amarelão. Morte, libertai-nos. Santa Morte, acudi-nos. Por que, Anjo, não desarticular a duração, até nos atolarmos no nada, desmembrados tambem, deglutidos pela morte? Rema, rema, compadre, a vida vem vindo, cação-sucuri! Maré de peixe grande. Mas que me importam marés? Deus não liga a minutos de tempo, nem seculos, nem homens. Deus perdôa as nossas burrices, as nossas ingratidões de filhos-prodigos,

indiferenças, ofensas a Ele. Deus tem que considerar as épocas em que vivemos e que o diabo arma para espantar a gente. Deus tem que ser humano, tem que salvar os peixes que nadam nesse tempo doente. Nós estamos espantados, Deus tem que ver.

Heroi foi salvar a moça. Sáí, Anjo, que eu quero ficar só salvando a moça. Eh bien, un jour, elle est morte tout d'un coup. Alors j'ai voulu revoir son corps modelé dans l'attitude de l'éternel repos.

A morena recordava o sono largado, na attitude do eterno repouso. A mãe da moça começou esta reza olhando o caixilho sagrado:

“Senhor dos Impossiveis, tende misericordia

Das vossas ovelhas perdidas nos cardos de Satanás

“Senhor dos profetas, tende piedade.”

*Ramos*